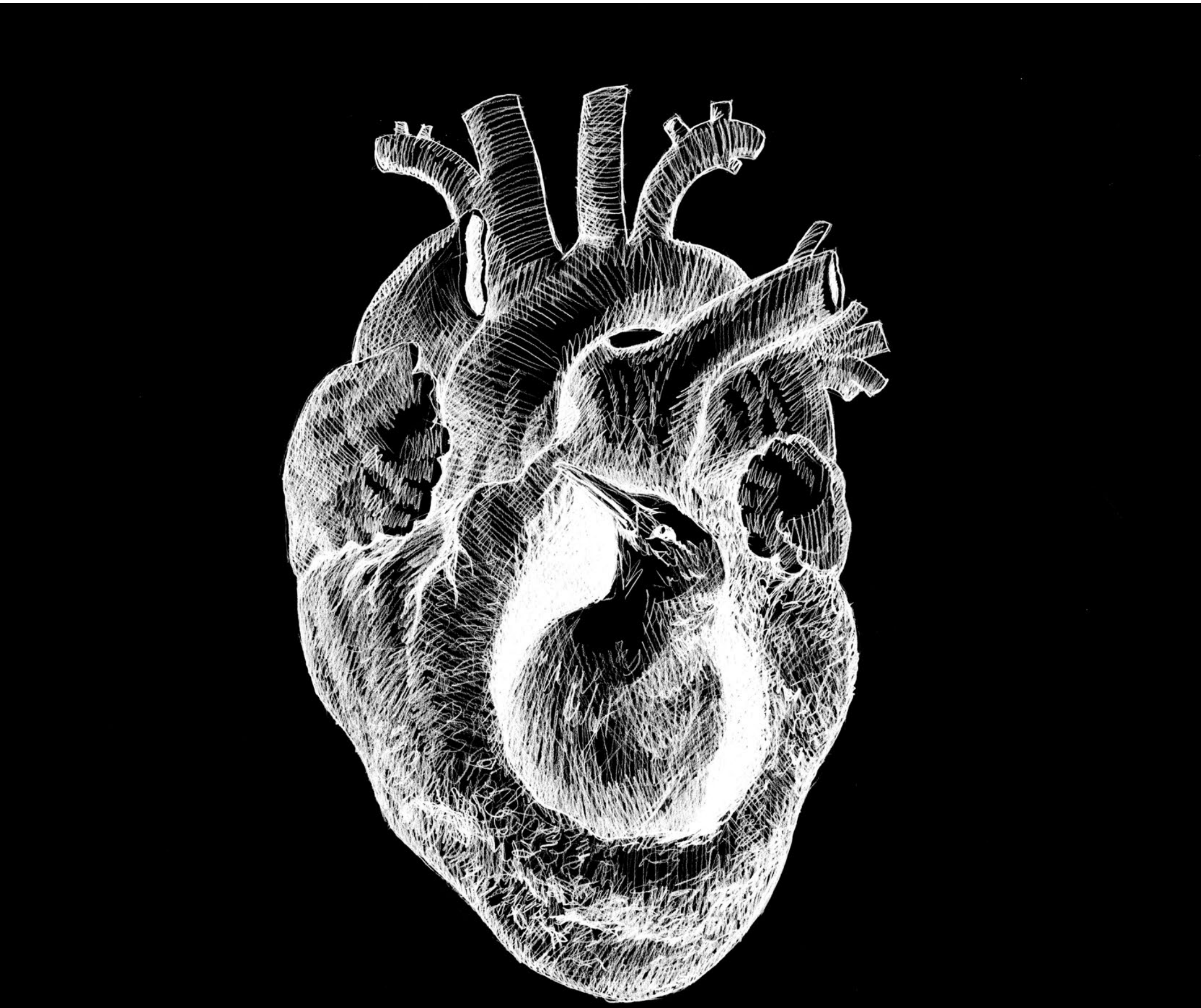
ô catarina!

MAR. 2018 - ISSN 2318-3063

90
SUPLEMENTO CULTURAL DE SANTA CATARINA



Ensaio Rubens da Cunha

Prosas inéditas Julianna Rosa de Souza, Denise Ravizzoni, Priscila Lopes, Patrícia Hoffmann, Isadora Salazar, Neno Moura

Poemas inéditos Bárbara Uila, Carolina Alves, Marina Coelho, Prisca Agustoni, Raíssa Éris Grimm, Ryana Gabech, Telma Scherer, Enrico Testa

Cartas

As edições d'*Ô Catarina!*, além de um design original e sofisticado, enchem o "prato de cada dia" dos leitores, com a oportunidade de lerem o que há de novo e interessante na literatura, no teatro e nos mais diversos meios de comunicação das artes. Para as escritoras como eu, é uma forma de intensificar o contato com o público e dividir esta experiência tão "gostosa" de escrever e tornar nossos, os traços que todos os dias versam e rabiscam sobre a pele. Vida longa ao suplemento! Que, hoje, é necessidade de todos nós.
(Méroli Habitzreuter é escritora, Guabiruba/SC)

Considero *Ô Catarina!* um dos bons jornais culturais do Brasil. Sem ele, não se saberia nada da produção catarinense de qualidade. Vida longa para ele (e que cresça mais em número de páginas) é o que desejo.
(Edla van Steen é escritora, São Paulo/SP)

Em época de resistência artística e reexistência humana, em um mundo que nos apresenta um arpejo de ideias e certezas incertas, de espasmos de sabedoria, de acordes dissonantes, difíceis de serem aceitos por nossos ouvidos, vem *Ô Catarina!* equilibrar as palavras que ficarão eternizadas e que já fazem parte de um futuro presente. *Ô Catarina*, quão necessário és tu livro, livre, revista, re-vista, folhear folia em cada página, um arpejo certo, inspirador, acorde! Sejas linhas porque as palavras já me bastam, me deixam menos besta, ou mais abestalhado com a infinidade de possibilidades. *Ô Catarina!*, sejas eterna, e me leve, leve pelo mundo das infinidades. E sobreviva ao ventos de violência.
(Reveraldo Joaquim é ator e diretor teatral, Criciúma, SC)

Editorial

Há algum tempo *Ô Catarina!* vem se esmerando na tentativa de ser um dispositivo de garimpo. Um espaço que tenta equilibrar textos e ações de artistas já consolidados no circuito cultural com escrituras e manifestações de criadores ainda inéditos. Nas últimas edições, todas disponíveis também em modo digital e que podem ser acessadas em www.fcc.sc.gov.br/ocatarina, o leitor se defrontará com essa realidade.

O garimpo é uma atividade de risco, uma atividade de luta com o desejo de encontrar preciosidades. É uma exploração que se dá por meio de explosões, de busca, de espera e, muitas vezes, de decepções. O dispositivo de garimpo, no campo artístico, se assemelha à atividade bruta da mineração, porque exige imersão em territórios desconhecidos e busca constante.

Não se trata, evidentemente, de uma corrida ao ouro, de uma incessante e obsessiva jornada à elevação da criação ao patamar do capitalismo simbólico que permeia a arte e as instituições artísticas. Porque são muitos e distintos os minerais, são muitas as cores e as luzes das quais eles emanam. Trata-se, por certo, de uma garimpagem do sensível, de mundos e de linguagens com tonalidades e tamanhos distintos.

Ao lado das escritoras Ryana Gabech, Patrícia Hoffmann, Telma Scherer e Prisca Agustoni, já detentoras de reconhecimento na crítica literária, o leitor encontrará as poetas inéditas Carolina Alves e Marina Coelho. Em um momento em que as intransigências e os discursos autoritários e totalitários se fortalecem, este número d'*Ô Catarina!* se dedica, quase que exclusivamente, à arte feita por mulheres. Denise Ravizzoni, Julianna Rosa de Souza, Isadora Salazar, Bárbara Uila, Raíssa Éris Grimm, Priscila Lopes, Patrícia Peterle também apresentam suas armas. E os disparos são crivados de cruezas e delicadezas. Além disso, o poeta e professor Rubens da Cunha escreve sobre a obra de três mulheres, Susano Correia ilustra todo o periódico e finalizamos esta edição com a prosa do músico e escritor estreante Neno Moura. A garimpagem agora é sua, leitor!

Rodolfo Joaquim Pinto da Luz
Presidente da Fundação Catarinense de Cultura

EXPEDIENTE

Governador do Estado de Santa Catarina / João Raimundo Colombo
Vice-governador / Eduardo Pinho Moreira
Secretário de Estado de Turismo, Cultura e Esporte / Leonel Pavan
Presidente / Rodolfo Joaquim Pinto da Luz
Diretora de Difusão Artística / Mary Garcia
Diretora de Patrimônio Cultural / Vanessa Maria Pereira
Diretora de Administração / Márli Lorensetti
Consultor Jurídico / Rodrigo Goeldner Capella
Consultor de Projetos Especiais / Marco Anselmo Vasques
Assistente da Presidência / Sidneya Gaspar de Oliveira
Assessor de Comunicação / Marcos Espíndola
Gerente Operacional / Julio Cesar Alves
Gerente de Administração, Finanças e Contabilidade / Ozeas Mafra Filho
Gerente de Logística e Eventos Culturais / Projetos / Ivan Carlos Schmidt Filho
Gerente de Logística e Eventos Culturais / Marketing / Melissa Rodrigues
Gerente de Patrimônio Cultural / Diego Rossi Fermo
Gerente de Pesquisa e Tombamento / Ana Paula G. L. da Silveira
Gerente das Oficinas de Arte / Fabricio Mattje Gwoszdz
Administrador do Museu de Arte de Santa Catarina / Josué Mattos
Administradora do Museu da Imagem e do Som / Ana Ligia Becker
Administradora do Museu Histórico de Santa Catarina / Maria José da Costa Brandão
Administrador da Casa dos Açores Museu Etnográfico / Vitório Fretta Colossi
Administradora da Casa de Campo do Governador Hercílio Luz / Graciela Bratfisch Weiss
Administradora do Teatro Álvaro de Carvalho / Eliza Docena
Administradora da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina / Patrícia Karla Firmino
Administradora do Centro Integrado de Cultura / Alizandra Oliveira
Administradora da Escolinha de Arte / Alessandra Ghisi Zapelini
Responsável pela Casa da Alfândega / Adriana Aparecida de Brito

SUPLEMENTO CULTURAL DE SANTA CATARINA - 90 - [Ô CATARINA!]

Março de 2018
Editor / Marco Vasques
Assistente Editorial / Marcos Espíndola
Conselho Editorial / Alberto Heller, Amilcar Neves, Celso Braida, Chico Faganello, Marco Vasques, Marcos Espíndola, Nini Beltrame, Péricles Prade, Sandra Meyer, Sidneya Gaspar de Oliveira, Rubens da Cunha
Colaboradores desta edição / Bárbara Uila, Carolina Alves, Enrico Testa, Denise Ravizzoni, Isadora Salazar, Julianna Rosa de Souza, Marina Coelho, Neno Moura, Patrícia Hoffmann, Patrícia Peterle, Prisca Agustoni, Priscila Lopes, Raíssa Éris Grimm, Ryana Gabech, Rubens da Cunha, Susano Correia, Telma Scherer
Capa / Obra de Susano Correia
Ilustrações / Susano Correia
Revisora / Denize Gonzaga
Designer Gráfico / Moysés Lavagnoli e Pietra Dallagnol Gotardo
Tiragem / 6 mil exemplares

Entre em contato:
Fundação Catarinense de Cultura
Av. Governador Irineu Bornhausen, 5600.
Agronômica – CEP: 88025-202
Florianópolis – Santa Catarina
E-mail / ocatarina@fcc.sc.gov.br
Fone / (48) 3664-2680
Site / www.fcc.sc.gov.br/ocatarina

Os textos assinados são de responsabilidade dos autores.

FCC FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA
GOVERNO DE SANTA CATARINA Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esporte

Conceição, Conceição, Hirondina e seus lugares

Por Rubens da Cunha

Mil novecentos e quarenta e seis: ao sul de Belo Horizonte (MG), nascia Maria da Conceição Evaristo de Brito. Quinze anos depois, quase sobre a Linha do Equador, na Ilha de São Tomé, costa africana, nascia Maria da Conceição de Deus Lima. Em 1987, do outro lado do Continente Africano, em Maputo, Moçambique, nascia Hirondina Juliana Francisco Joshua.

Três nascimentos esparsos no tempo e no espaço. Três destinos que se encaminharam para a literatura e se confirmam como vozes cada vez mais necessárias na vastidão desses dois continentes.

Conceição Evaristo viveu infância e juventude em Minas Gerais, e mudou-se para o Rio de Janeiro na década de 1970. Publicou seus primeiros poemas em 1990, na série "Cadernos Negros", e desde então firma-se como uma das principais vozes da literatura brasileira. Além de antologias e participações, já publicou os romances *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Becos da memória* (2006); os livros de contos *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), *Olhos d'água* (2014) e *Histórias de leves enganos e parecenças* (2016), além do livro *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008). Atenta e sensível, Conceição Evaristo permeia seus contos, romances e poemas com a voz da mulher negra. Essa mulher que, segundo Angela Davis, se se mover, toda a sociedade se move, "porque tudo é desestabilizado a partir da base da pirâmide social onde se encontram as mulheres negras". Assim, não é por acaso que os textos de Conceição Evaristo trazem esse movimento, mais, esse terremoto capaz de derruir velhas estruturas raciais e de gênero. Conceição atuou também como professora e pesquisadora, e é doutora em literatura pela Universidade Federal Fluminense.

Conceição Lima é insular, a que nasceu no pequeno país São Tomé e Príncipe. Talvez por isso tão cosmopolita: estudou jornalismo em Portugal, licenciou-se em Estudos Afro-Portugueses e Brasileiros, fez mestrado em Estudos Africanos e trabalhou como produtora de Serviços de Língua Portuguesa da BBC, em Londres. No entanto, nunca se afastou de sua ilha. Logo depois da abertura multipartidária e da independência de São Tomé e Príncipe, fundou um semanário chamado *O país hoje*. Desde então tem se envolvido profissionalmente com jornais e televisões de seu país. Paralelo a isso, vem construindo uma vigorosa escrita de poemas. Possui três livros publicados: *O útero da casa (*2004*); A dolorosa raiz do Micondó* (2006) e *O país de Akendengué* (2011).

Do outro lado da África, tendo o Oceano Índico como vizinho, Hirondina Joshua é a mais jovem dessas três mulheres. É autora de apenas um livro, *Os ângulos da casa*, no qual apresenta uma poética com toques surrealistas e metalinguísticos, enquanto passeia pela subjetividade humana, sempre entre a delicadeza e a ironia.

Mas o que essas mulheres têm em comum? São mulheres negras que vivem e escrevem em países fora do eixo econômico. São existências que estão munindo a poesia com uma perspectiva mais ampla, mais diversa do que aquela estabelecida pelos cânones. Neste breve texto, focaremos em um outro aspecto comum a essas escritoras, qual seja: a topofilia, esse "elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico", conforme a definição do geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan.

Conceição Evaristo

Em 2008, Conceição Evaristo lançou seu único livro de poemas até agora, chamado *Poemas da recordação e outros movimentos.* Como o próprio título induz, estamos no campo da recordação, da memória, de rememoração. O livro foi reeditado pela Editora Malê em 2017. Dividido em seis blocos de poemas, cada um desses blocos conta com uma espécie de introdução de Conceição Evaristo, que contextualiza essas rememorações poéticas: as inocências da infância, a relação amalgamada com a mãe, as procissões religiosas, o entendimento do porquê era chamada "Ave-serena" e a prática do "jogo de escrever no escuro", o quarto invadido pela noite e seus mistérios, o olhar sobre os antepassados. São esses os temas que compõem cada parte do livro.

Não raro, o lugar onde nasceu e cresceu exerce forte influência na sua criação artística. Em *Poemas da recordação e outros movimentos,* é possível ver a força topofílica em alguns poemas. Conceição Evaristo partiu para o Rio de Janeiro ainda jovem, ou seja, construiu boa parte de sua vida longe desse lugar chamado Minas Gerais. Esse é o mote do poema "Mineiridade", no qual se revela uma saudade quase melancólica de quem vai a seu lugar de origem, mas tem que voltar, tem que retornar a outro espaço de pertencimento, que não aquele formador da infância. Minas se torna um "gosto de terra", um "trem esquisito no peito", uma "mineiridade" que não se encaixa nesse outro espaço de vida. Não se trata de bairrismo, patriotismo, ou coisa que o valha, mas de uma intimidade, de um estar no lugar sem que o lugar seja uma estranheza. Há lugares que conseguem ser mais do que meros espaços físicos ou geográficos, mas passam a ser espaços sensoriais e sentimentais: "o sertão é dentro da gente", diria o mineiro Guimarães Rosa. A mineiridade também é dentro da poeta, que, ao retornar de sua terra, traz consigo uma série de artefatos que, ao mesmo tempo em que são capazes de sustentá-la na distância, fazem o inverso: tornam esse habitar em outro lugar uma dificuldade.

MINEIRIDADE

Quando chego de Minas
trago sempre na boca um gosto de terra.
Chego aqui com o coração fechado,
Um trem esquisito no peito.
Meus olhos chegam divagando saudades,
meus pensamentos cheios de uais
e esta cidade aqui me machuca
me deixa maciça, cimento
e sem jeito.
Chegando de Minas
trago sempre nos bolsos
queijos, quiabos babentos
da calma mineira.
É duro, é triste
Ficar aqui
com tanta mineiridade no peito.

Conceição Lima

Em 2011, Conceição Lima publicou seu segundo livro de poemas, *A dolorosa raiz do Micondó*, em uma edição independente. (O livro foi publicado no Brasil pela Geração Editorial, em 2012) O Micondó, ou Imbondeiro, é uma árvore sagrada em muitas regiões do Continente Africano. O sentimento topofílico preenche todo o livro de Conceição Lima, pois ela dedica grande espaço às suas memórias de infância, ao idílico mundo insular que a prendia e a libertava. Seus versos firmes vão expondo as pessoas, os lugares, os acontecimentos que revelam São Tomé e Príncipe: um arquipélago, composto pelas duas ilhas que lhe

Conceição Evaristo. Foto: Christina Rufatto



Conceição Lima. Foto: Divulgação



Hirondina Joshua. Foto: Divulgação



dão o nome e por outras menores, que conseguiu sua independência apenas em 1975, depois de 500 anos de colonização portuguesa.

Conceição entra na sacralidade do Micondó, acrescentando o componente doloroso das guerras, expropriações, violências escravagistas e dos colonizadores que marcaram, e ainda marcam, o território africano, como no extenso poema inicial "Canto obscuro às raízes".

CANTO OBSCURO ÀS RAÍZES

(...)

O meu concreto avô
que não se chamava Kunta Kinte
mas talvez, quem sabe, Abessole

O meu oral avô
não legou aos filhos
dos filhos dos seus filhos
o nativo nome do seu grande rio perdido.

Na curva onde aportou
a sua condição de enxada
no húmus em que atolou
a sua acossada essência
no abismo que saturou
de verde a sua memória
as águas melancolizam como fios
desabitadas por pirogas e hipopótamos.

São assim os rios das minhas ilhas
e por isso eu sou a que agora fala.

Brotam como atalhos os rios
da minha fala
e meu trazido primeiro avô
(decerto não foi Kunta Kinte,
porventura seria Abessole)
não pode ter inventado no Água Grande
o largo leito do seu Ogoué.

(...)

Por isso eu, a que agora fala,
não encontrei em Libreville o caminho para a aldeia de
[Juffure.

Perdi-me na linearidade das fronteiras.

E os velhos griots
os velhos griots que detinham os segredos
de ontem e de antes de ontem

Os velhos griots que pelas chuvas contavam
a marcha do tempo e os feitos da tribo

Os velhos griots que pelas chuvas contavam
a marcha do tempo e os feitos da tribo

Os velhos griots que dos acertos e erros
forjavam o ténue balanço

Os velhos griots que da ignóbil saga
guardavam um recto registo

Os velhos griots que na íris da dor
plantavam a raiz do micondó
partiram
levando nos olhos o horror
e a luz da sua verdade e das suas palavras.
Por isso eu que não descobri o caminho para Juffure
eu que não dançarei sobre o pó da aldeia do meu primeiro
[avô
meu último continental avô
que não se chamava Kunta Kinte mas talvez, quem sabe,
[Abessole

Eu que em cada porto confundi o som da fonte submersa
encontrei em ti, Libreville, o injusto património que
[chamo casa:
estas paredes de palha e sangue entrançadas,
a fractura no quintal, este sol alheio à assimetria dos prumos,
a fome do pomar intumescida nas gargantas.
(...)

Que nenhum idioma nos proclame ilhéus de nós próprios
vocábulo que não és
Mbanza Congo
mas podias ser
Que não és
Malabo
poderias ser
Que não és
Luanda
e podias ser
Que não és
Kinshasa
nem Lagos
Monróvia não és, podias ser.

Nascente e veia, profundo ventre
conheces a estrutura que sabota os ponteiros:
novos sobas, barcos novos, o conluio antigo.

E consomes a magreza dos celeiros
num bazar de retalhos e tumultos
Petit Paris!
Onde tudo se vende, se anuncia
onde as vidas baratas desistiram de morrer.

(...)

E no rasto do tam-tam revelarei
o medo adolescente encolhido nas vielas
beberei a sede da planta no teu grão.

Eu que trago deus por incisão em minha testa
e nascida a 8 de Dezembro
tenho de uma madona cristã o nome.

A neta de Manuel da Madre de Deus dos Santos Lima
que enjeitou santos e madre
ficou Manuel de Deus Lima, sumu sun Malé Lima
Ele que desafiou os regentes intuindo nação -
descendente de Abessole, senhor de abessoles.

Eu que encrespei os cabelos de san Plentá, minha três vezes
[avó

e enegreci a pele de san Nôvi, a soberana mãe do meu pai

Eu que no espelho tropeço
na fronte dos meus avós...

Eu e o temor do batuque da puíta
o terror e fascínio do cuspidor de fogo

Eu e os dentes do pãuen que da costa viria me engolir
Eu que tão tarde descobri em minha boca os caninos do
[antropófago...

Eu que tanto sabia mas tanto sabia
de Afonso V o chamado Africano
Eu que drapejei no promontório do Sangue
Eu que emergi no paquete Império
Eu que dobrei o Cabo das Tormentas
Eu que presenciei o milagre das rosas
Eu que brinquei a caminho de Viseu
Eu que em Londres, aquém de Tombuctu
decifrei a epopeias dos fantasmas elementares.

Eu e minha tábua de conjugações lentas
Este avaro, inconstruído agora
eu e a constante inconclusão do meu porvir

Eu, a que em mim agora fala.

Eu, Katona, ex-nativa de Angola
Eu, Kalua, nunca mais em Quelimane
Eu, nha Xica, que fugi à grande fome
Eu que libertei como carta de alforria
este dúbio canto e sua turva ascendência.

Eu nesta lisa, escarificada face
Eu e nossa vesga, estratificada base
Eu e a confusa transparência deste traço.

Eu que degluti a voz do meu primeiro avô
que não se chamava Kunta Kinte
mas talvez, quem sabe, Abessole

(...)

Eu que em Libreville não descobri a aldeia
do meu primeiro avô
meu eterno continental avô

Eu, a peregrina que não encontrou o caminho para Juffure
Eu, a nómada que regressará sempre a Juffure.

Hirondina Joshua

Em 2017, o primeiro livro de Hirondina Joshua foi publicado no Brasil pela Editora Penalux. Em uma das epígrafes que abre o livro, Mia Couto afirma o seguinte: “O importante não é a casa onde moramos, mas onde, em nós, a casa mora." É sob esse aspecto que se dá boa parte do sentimento topofílico que se presentifica nesse livro. Do poema que o nomeia a diversos outros que trazem parte do processo criativo de Hirondina, o lugar íntimo, pessoal, o lugar onde se ama e se escreve, os “ângulos da casa”, são traduzidos em metáforas e imagens potentes. Porém, há no livro um poema em que Hirondina passeia pelo bairro onde foi morar na adolescência. Trata-se de Alto-Maé, em Maputo, cidade natal de Hirondina. Nele, a poeta traça uma ode ao seu altíssimo Maé. Trata-se do poema mais em prosa do livro; os versos vão aos poucos se transformando em fluxo ou em andanças pelo Alto-Maé que habita Hirondina:

ALTO-MAÉ QUE MORA EM MIM

O bairro onde moro foi atropelado pelo tempo que forçosamente
nega-se a empacotar outros destinos. Chama-se “Alto”... Quando a
chuva que lhe corre é fria não nas suas temperaturas, escorregadia
como a brisa que se venteia nos buracos felizes destas ruas
serpenteadas em areias ao invés de betão.

Chama-se “Alto”... Este habitat de “latas” novas trazidas por sei lá
quem a este paraíso urbano sem nome em nós, queremo-lo assim
entre-alma e carne, passageiro, nomes são significados que não
significam nada. Além de mais não os sabemos ler nem escrever e
se soubéssemos isto menos significaria. Em nós há um bairro onde
moramos e nos moramos, vivemos e morremos a cada milésimo de
segundo. E isto basta-nos. Basta-nos.

Tenho um alto-maé que vive em mim
alto-maé de casas que testemunham o silêncio a fúria em cinza
das moças que vestem saias que demarcam fronteiras suspeitas
com os rapazes que ao invés de calças vestem “tchuna boys”
suas roupas interiores são mais curiosas que o mundo.
Há muitos alto-maés em mim,
das flores que transpiram a volúpia nocturna perto da pelé-pelé
das rotundas de jardins quadrados
da gente alegre e mais esperta da cidade (alto-maé não me deixa
mentir)
nem suas mesquitas e igrejas calam a voz de Deus aqui onde o sol
se senta
mesmo de noite
do negro mercado negro que devia se chamar lua ao invés de
“estrela” pois nela embarcam todas ânsias daquelas gentes, muitas
delas não daqui,
da padaria Moçambique sempre alimenta a esperança de um
melhor pão,
dos barulhos quentes dos ralis antes do fim de semana
do sapateiro que canta com o seu martelo abengalado
de alguém a escrever um verso que talvez não mude nada, mas um
verso é um verso,
um verso é um universo
o inverso disto é que não era é humano
cada um com o seu alto-maé.
Este é o meu. Este foi o que me deram. Este é o que vejo e que me
olha sempre.
De um outro não preciso.
Daqui consigo sentir a voz de todos alto-maenses
porque o som não tem gente na sua metafísica
nem um bairro existe quando não se tem por existir
repito: cada um com o seu alto-maé, e este meu é altíssimo em
mim.

Os poemas de Conceição Evaristo, Conceição Lima e Hirondina Joshua nos levam a lugares remotos, intensos, históricos, pois as escritoras revelam-se poeticamente segundo suas topofilias pessoais, fazendo com que o leitor, além de identificar os territórios das poetas, também saia em busca de seus próprios territórios, de suas próprias topofilias.

(Rubens da Cunha é professor e poeta, Salvador/BA)

Tradução de Enrico Testa por Patrícia Peterle

Gazze e stracci a San Paolo (texto inédito)

tuttaquesta gente cheincontriamo per via
è sul puntodiperdersi.
Cosa serva per trattenerli
ancora un momento sull'abisso,
non lo si sa
e — anche a saperlo —
loro non lovorrebbero.
Sono inerti e lenti.
Non rivendicanonullaallavita.
Briciolegemitispentipreghiere.
Le gazzeneregracchiantisuglialberidelviale
e sui rami leragnateledistracci
e plastica a brandellipencolanti

magre le storie degli addii.
E le glorie del ritorno?
mute – come le campane
il venerdì santo
a mezzogiorno

magras as histórias de adeus.
E as glórias do retorno?
mudas – como os sinos
na sexta-feira santa
ao meio-dia

De *La Sostituzione* (Einaudi, 2001)

inventala tu la mia storia,
che sai i colori del carattere
e le ragioni del mio nome,
scegli i pezzi giusti,
quelli della passione pura,
che vanno infine a posto
e che compongono la nostra
(unica) figura

inventa tu a minha história
que sabes as cores do caráter
as razões do meu nome,
escolhe as peças certas,
as da paixão pura,
que por fim se encaixam
e que compõem a nossa
(única) figura

De *In controtempo*

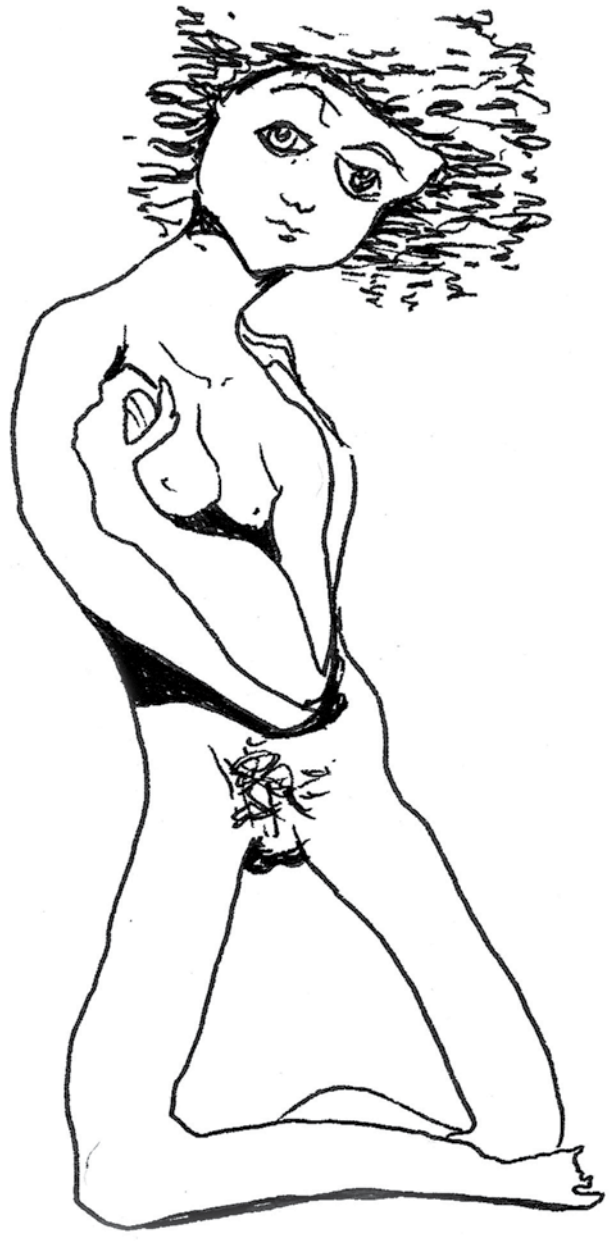
Pegas e trapos em São Paulo

toda essa gente que encontramos na rua
está a ponto de se perder.
O que sirva para detê-los
ainda um momento, antes do abismo,
não se sabe
e — mesmo saber —
eles querer não iriam.
São inertes e lentos.
Não reivindicam nada à vida.
Migalhas gemidos esvaídos preces.
As gralhas pretas crocitantes nas árvores da avenida
e nos ramos teias de farrapos
e plástico em frangalhos cambaleantes

(Patrícia Peterle é professora de Graduação e Pós-Graduação do Departamente de Letras da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC)

Poema inédito de Carolina Alves

pra não recordar a estrada
a consciência do perigo a ansiedade o estado efetivo
o irracional
eu menina acostumando com horários
de professores e absorventes internos
acordar com o temor do substantivo
masculino
dividir a intimidade com números a mais
as memórias intoleráveis. tremo
com as imagens granuladas
e embarcações da cabeça cercada por milhares
de patas e sangra
a reminiscência sangra dissolve
sangra rabisca sangra
insetos dançam na ponta da
lembrança. sangra sangra
desfaz o tilintar
profundidade do mal-estar e
os poemas rasgados
apagar apagar apagar
a sensação enojante
de bichos petrificados e dele o
semblante entre janelas
começo dos dezesseis
a menina apanha apanha
com disfarces
semiótica confusa das solitárias
manhãs cheirando
fumaça
não queria o ter conhecido
anos atrás ou agora ou nunca
a menina apanha
ferro pedra posse
minha
não corre não responde não
eu menina geometria criança
beijar beijar beijar
carregar a inocência nas pálpebras
não te solto
abortando os mapas rotineiros
não quero estar aqui
contrações da morte
não quero estar aqui
reavaliada em agonia
não quero estar aqui
me larga me larga me larga me
nebulando os signos de quem parte
e o desejo das anáforas da urgência
socorrer os papéis desgastados
o estômago revolto
desastres dos excessos de
não sentir
intrepidez sobre a fuga da boca disforme apreensão
correr correr, mantenho
o céu em tempestade que não termina
trepo na escassez da poesia e na
arcada dentária
puxar os símbolos do fazer
aniversários na raiz e copiar
a neutralidade de doze anos
não me quer velha
e eu só tenho dezesseis anos
inchaço corporal não posso
eu minto ele
nódoa da adolescência que não se repara
a impressão sensorial da ruína que
deixou contígua
o sinônimo de homem-feito devaneando
com meus fios
nojo nojo nojo nojo nojo
eu vi desenhos tortos em gramas
macias
quis esfaquear feroz
a mais pueril sílaba
eu só tinha dezesseis
apedrejar os tubos enlatados de medo
de morbidez daquelas ancas
esbarrar em escadas que me puxam
pra longe longe longe



(Carolina Alves é poeta, Imbituba/SC)

Poema inédito de Marina Coelho

Buraco



Desço a rua.
espanto os pedestres com braços convulsivos.
sento no banco da praça
no meio do buraco.
olho pro nada.
parto com o vento.
piso no pedregulho.
caio na rua.
alguém me ajuda.
bem no meio do buraco.
corro desvairado.
chuto dois carros.
tiro a camisa. acendo o cigarro.
olho o bueiro. boca de lama. silêncio de nudez.
e febre de rato.
mas é a infestação. do teto de casa
vem com a chuva e o pingo do chão.
perdi os cabelos no ralo da pia.
grito num tom só quando a moça me atende
me estende uma mão enrugada
no buraco.
a testa aberta. e se afasta.
mãos em garra... desenvolvi artrite.
genética estranha. o céu duro. que rompe
em estilhaço de espelho.
reflete no chão
o buraco.
eu bato em meus olhos, boca seca
peço água. água escura
dois goles e um afogamento
no buraco.
desço escadas. rodopios bruscos
pássaro vermelho na área sem janela.
há certos ódios latejantes e
certas ânsias latentes, e outros
espasmos violentos.
pego a caneta. rabisco linhas circulares
e outras linhas paralelas
que se curvam também.
respiro, só pela boca.
asma.
por que fazemos certas coisas?
rio um riso calado. é bom.
levanto.
desço a próxima rua.
no ônibus.
passa no buraco?
madrugada de lâminas espirais.
redemoinhos tortos.
medo de faca e buraco sem fundo.
freada, cabeça no banco. três dentes perdidos.
uma costela quebrada. espanco o motorista.
a vida é assim.
procuro uma sombra pra parar.
a sombra passa e levacada um
para cada lugar...
no buraco.
a sombra com dentes. a sombra sem dentes
perdeu a memória.
a calçada corta. a escada suga.
tudo sem luz nessa terra estranha
insetos na janela
na calçada, rodopio
no meio do buraco.
desço mais ainda, longos passos
no barranco íngreme.
pego um pedaço de terra
e taco no rosto de alguém
estopim da raiva canibalesca
terra nos dentes.
nos meus também, que sobraram.
tem uma formiguinha
atravessando minha garganta
entrando no buraco.
corro rápido
perco os sapatos.
as mãos ajudam nessa hora, não para rezar
correr de quatro.
bicho do mato.
na estrada contramão
outra mão é estendida.
mas não mais uma mão
a mão se recolhe
se furta ligeira
me taca um papel
pra eu ler no escuro.
de cabeça no muro.
entra no buraco negro.
se o mundo acabar,
então vai acabar.

(Marina Coelho é poeta, Florianópolis/SC)

Prosas inéditas de Patrícia Hoffmann

(1)
O OUTRO NOME DO DIA

Não era de doer o dia. Se contemplamos a cerração da vida antes do mormaço. Andarilhos que somos de uma sempre nova espera. Se acreditamos desde já em nosso humilde desfecho cíclico, e vimos melhor, por antecipação, nossa rápida participação nesse mistério. Não era de doer o dia. Mas se um cão bebe água da poça e no contar dos próprios ossos esboça-me sua fome, o dia passa a ter outro nome. Onde nada mais dorme. Sobre a plataforma disforme do viver vejo um viveiro à deriva... E tenho medo da raiva. E arranco a relva tentando salvar a calma na palma soterrada do lembrar. Se éramos pássaros e já fomos pomares. Se fomos areia marinha no revirar das ondas com seus nervos pelos ares. Nós, que sequer sabíamos chorar... desde o ninho das contendas, quando nos sonegaram o canto nas quedas da floresta. Basta apenas mais um acalanto de concentração. Mais um, apenas, para que aguentemos o desaguar desatento das coisas prometidas. Para que o amor nos reaja em rajadas alcançáveis ainda nesses ventos. E o sofrimento nos proteja desses outros dias que faltam para salvar a luz dos esquecidos sob os limbos, sob os lírios do campo e os símbolos dos serafins, dos jardins enlouquecidos, das rosas enlaçadas ao corpo, do torpor das calçadas e outros desalojamentos. Porque não é sempre que chove. Porque há de haver uma coleta de sóis mais amenos depois do que pudermos durar. Uma colheita a dourar a epiderme secreta dos destinos. Se não desistirmos no meio da flora do coração - também canino - No meio da última hora aberta sobre a terra. Quando lançarmos mão do aço, e soltarmos do pulso o cronômetro do cansaço... e só a esperança, enfim, puder nos acertar. De vez.

(2)
A PONTE PÊNSIL DO SILÊNCIO

Seguro a ponte pênsil do silêncio para escrever sobre precipícios cegos, recém-chegados, com vista para a sorte. Singro-me, e eles me refazem partir do ponto que mais nos atinge em queda livre: a invalidez das escolhas brotadas no leito crescente dos massacres. Alguns se dizem sacros, outros lacustres, outros embustes... Todos sem nenhum acréscimo de humanidade. Rompem o lacre mal feito no parapeito das cidades e o que dentro delas nos transtorna. Escrevo sob a plataforma de uma fraqueza nascente. Mas que não se exime. Sob o crivo dos antialívios, dos uivos convertidos em raiva de tristeza. Saraiva interior. Sem fortaleza... estou perdendo o ritmo. Ouço respiros no rio e uns tiros longínquos num fado fixo advindo das derivas, lá onde Deus quase não salva: saliva. Soluça. Está bravo. Não sei... Não sei se devo escrever assim, miúdo, entre o medo e o mundo. Escudo e alvo. Selva. Não sei se devo levar-me em equilíbrio nesses vocábulos que não se acostumam com o



desprezo, com o prejuízo súbito de ausências não prometidas. Então adjetivo. Adjetivo e desabrigo-me no transbordo das surpresas. Escrevo. Escavo meu coração feito o tigre a sua presa. Rezo. Mas tanto, tanto, que tento lavar a correnteza. Esfrego-a nos olhos como quem esfrega a roupa na pedra. Deito a cabeça sobre a mesa. Dobro os braços, redobro a rima, mas é difícil, porque preciso perfurar a escassez do frágil solo das urgências. É tarde. Tem rumo de naufrágio essa terra. Terror sem nome consentido. E o dia era de uma cor mascava. Sólida.
Os nervos d'água mantidos, rijos, enquanto se alavam — apáticos — os peixes e outros animais menos aquáticos. Matar um rio e seus filhos requer derrames pelo caminho... e andaimes de arames na alma em farpa. Na alma em falta. Sozinham.

(3)
A CHUVA SABE O QUE FAZ

Não sei se tudo vai ficar bem. Tem um atravessado de nuvens lá fora. Cores e formas que falam. Desenhos e senhas suspensos no firmamento. Não mais tão firme. Portais. Portáteis. Portos encobertos no mar aéreo. Ao meu lado — em terra — os pássaros se alimentam de farelo de milho, agora molhado pela chuva, sobre a mesa do quintal. Alguns gostam de frutas. Eles parecem bem, mas são mais agitados do que eram antigamente. E eles sempre conversam muito nessa hora. Qual o assunto? Há inúmeras hipóteses e todas são capazes de captar algum grão de alegria. São seis e vinte e dois. Às vezes não durmo, de medo, mas não sei de quê. Depois, fico cansada, e o dia se mostra interminável. A respiração das coisas aumenta muito ao redor, conforme se dilata o cotidiano, com suas atribuições de fazer funcionar o coração metálico do mundo. A respiração, em si mesma, pede para respirar, quando é assim. Porque há uma discreta asfixia na pressa sem comoção. Estamos correndo para onde? Percebo uma falta de inteireza nos relógios quando tudo está por se aguardar. E tudo o que se aguarda já está. Sempre esteve. E é sem volta. Sinto as belezas se desprenderem dos afetos, feito essas gotas que saltam do telhado. Na verdade parecem se jogar de um incêndio. Telhados são proteções, me disse uma especialista em almas, ao me pedir que desenhasse uma casa. Só porque fiz todas as telhas perguntou-me ela: "por que tantas telhas?" Disse-lhe que eram os alicerces, só que do lado contrário da casa. Ela sorriu com delicadas certezas em seu silêncio. Era silêncio bom, porém, não caberia nesse momento explicar uma por uma as goteiras dos sentidos, caso eu soubesse. Talvez uma espécie de pânico se estenda — hoje um pouco mais —, por causa dos vidros fechados aqui; das vidas e das dúvidas em aberto. No entanto, é um pânico quieto. Mais nos olhos do que no resto. É assim... para dentro, lá onde se misturam os mistérios. Não sei se tudo vai ficar bem. Os passarinhos tomam banho no pote de guardar chuva. Eles pulam com um ar feliz. A chuva sabe o que faz.

(4)
ÁGUA PARA O CAFÉ

Esquento a água para o café que não tomarei porque estou atrasada de tudo que preciso. Tenho que salvar os peixes indecisos das emboscadas. Toneladas de tainhas. Tenho que avisá-las por dentro, dos perigos da estação. Mas não chegarei a tempo. Da moça que chora no ponto de ônibus, sem dizer a razão. Não chegarei a tempo de mim mesma porque rasguei as horas num momento de exaustão. Os parâmetros são outros agora, mas não há agora. São perímetros pisados de intuição. Um nada se dispersa aqui. Não há duração, e as coisas não cessam e nem continuam. Estou fora do tempo, mas também não é de certeza, pois a memória ilustra outras formas de ser. Ouço os latidos de ontem do meu cão, e ele não está. O mar está do outro lado de uma sensação inalcançável. Ouço as batidas do coração. E a visão é a mesma que se vê de dentro de um avião. Só que de dia. O mar está no ar. Aéreo o chão. Nada mais é chão. A casa, o fogão... se infinitam na luz. Respiro frações de tempo, só as que escapam. Tudo está ficando longe do que é. Os peixes. As pessoas. Meu cão. A água para o café. Meu corpo, minhas mãos... se estendem ao nada e me chamam e me acenam em despedida. Ou chegada.

(Patrícia Hoffmann é escritora e poeta,
São Francisco do Sul/SC)

Poemas inéditos de Prisca Agustoni

1.

Longe da luz, nos canos da pia, cacos de vida são engolidos pelas artérias silenciosas do
prédio que se alimenta dos seus resíduos
e os devolve em outro lugar, no coração pulsante da cidade

: o esgoto.

Lixo ligeiro como cílios ou dobras puídas de um sonho escorre nas trincheiras e
se junta às sobras dos outros, também frágeis, para engrossar o novelo anônimo
que desce

em direção a um fundo que ninguém sabe onde finda.

2.

Ficar nessa caverna à espera da luz.
Os olhos colados no céu procurando a raia
presa aos hangares da cidade.
Uma visão, uma ventania, uma mentira de liberdade.

Ficar imóvel durante horas, não pensar em nada,
não escrever nada nem nada desejar
enquanto o olhar fareja esse mundo
amassado na frieza do ferro.

Ficar aqui, suspensa no abrigo de cimento
até um traço de giz entalhar no azul

a branca ferida de um avião que passa



3.

Há essas lembranças que se arrastam pelas paredes, ágeis e leves como aranhas, e invadem o quarto da memória.

Elas vazam por qualquer fresta através dos anos como se fossem canos entupidos, rua afora. Nada podes contra essa fuga. Resta aguardar a volta daquilo que escapa de ti,

tal como esperamos, desde sempre em vão, a volta da infância.

4.

Na sala de jantar, é preciso fugir das lembranças alheias.
Pois essa noite todos estarão sentados comigo.
Os ausentes.
Voltaremos a desossar os verbos, descascar as palavras, mascar os adjetivos e engolir essa fartura de nadas que entope a garganta.
O silêncio do pai é grave e cinza, o dos irmãos frágil e inconsequente. O silêncio da mãe, ah, esse sobe desde o passado, e ela o mastiga vagarosamente como crostas que ferem as gengivas.

O que dizer do meu, então, parecido com o bater de asas puídas, enquanto sorrio aos ausentes, sentados ao redor da mesa.

5.

Faz tempo nos observamos através das janelas.
Esses quadrados no horizonte, espelhos pendurados no ar, enfileirados como crianças à espera do recreio.
Telas na minha direção, onde nada acontece.

Um homem migra em silêncio da primeira para a segunda janela, o celular na mão.

No andar de baixo, duas silhuetas que gesticulam, as cortinas fechadas me lembram de que a vida é a maior das ficções. Há fantasmas, sem dúvida, no vão da escada do prédio.
Nas janelas internas também.

O mundo, às vezes, acena. Basta inserir a senha correta: dá sinais de vida, curte meu sorriso, some outra vez. Apoia-se na sacada da janela que dá para minha mesa, minha cama, o festim do corpo, roça meus lábios

apesar dos vidros.

6.

Apesar de tudo, nos contemplamos através dessas telas, invisíveis aos olhos do mundo, como bactérias raras.
As janelas do prédio em frente se apagam aos poucos, engolidas pela noite, enquanto as outras, ilhas no arquipélago do meu quarto, permanecem ligadas.

Volto àquelas onde sempre haverá alguém disposto a enviar algum sinal de vida.
Um amigo toca à porta, acende uma vela, constrói um barco de papel

ou quem sabe, à sua maneira, apenas pede socorro



(Prisca Agustoni é professora da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora/MG, Juiz de Fora/MG)



BOMBA-RELÓGIO

Clarice,
você removeu apenas uma
muleta.
Eu,
joguei todas as minhas pernas
em uma janela folheada a ouro
no 12º andar.
Estou nua na vida
sem corrimão, acesso, botão de desliga
bluetooth
apple
com apenas algumas aspirações
deixo a vida me atravessar
ancorei no deserto e tudo
me marcou tanto
que fiquei com medo de dizer seu
nome troquei o carro pela moto
convenci meu coração a desamar por ser um coração muito viciado
deixei a minha própria casa
fiquei familiarmente conhecida como louca e brava
um bicho solto
sorridente e perigoso.
Há um vago para onde fujo
mas é onde absolutamente já estou
há anos venho tentando remover
as marcas de luta
no meu braço,
e a agressividade dos meus gestos
define o meu escudo
esse mesmo
que me impedirá para sempre
de cruzar o portal da leveza.
O vácuo:
não há remédio para o vazio.
O eco:
não há respostas
para as perguntas que as paredes fazem
Para quem não sorrir?
Por onde escapar no caos
sem estancar a minha força?
Se é pra viver, eu tenho que sonhar.
Só isso aqui
não me basta.

Virei uma bomba-relógio
e tenho medo
do silêncio
me implodir

(Ryana Gabech é poeta catarinense,
vive em Macapá/AP)

Poemas inéditos de Telma Scherer

1

Pinto com o que sobrou de tinta
no fundo da tigela.
Pinto com os restos
dessa voz desconhecida.
Escrevo palavras deixadas ressoando,
vestígios de um corpo que passou.
Suas linhas desenharam no chão
uma estrela incompleta, reta e transeunte.
Pinto com as manchas que fincaram na mesa
pinto o meu poema velho, pouco vinho do porto,
nada vinho da madeira, azedo,
carcomido pelos cupins, sujo da merda dos morcegos
que sobrevoaram a noite
de uma sala inconclusa.
Escrevo com o cuspe de palavras que eu não disse
e que nenhum milico usou
para limpar suas botas.
Então grito a dor desses sussurros.
Imito o som guardado de orgasmos aguados, aquarelas,
pinto no fundo da tigela
uma luz de estrela estremecida
que sim, agora sim, se completou
na borra do café, no prumo da manhã.
E faço amor com o resto das plantas
de um jardim destroçado, depois do fim de jogo.



3

Eu tenho fome é de parede branca, lisa,
sem uma marca de prego ou arranhão.
Tenho fome de parede coberta de tinta espessa,
fosca,
enquanto as portas e janelas brilham
da mesma camada grossa de tinta esmalte.
Quero uma parede tão bem pintada
que ninguém possa ante dela deixar de suspirar
como Dalí suspirou diante de uma porta
tão bem pintada
que os quadros ali pareciam
aos seus olhos
ainda mais mal feitos.
Quero uma parede lisa,
sem marcas, sem quadros, sem porta,
sem teima ou esmalte, sem Telma
onde eu possa simplesmente sentir
o nojo e a raiva das coisas impostas,
do sono e da sombra sem explicação.
Uma parede sem voz, sem vincos, sem rugas
sozinha no seu peso de parede, de coisa,
de suspiro que não mata nenhuma fome.
Eu quero é sentir essa fome,
depois fazer uma fenda, um furo por onde eu possa
surdir o fosso fundo de algumas águas.

(Telma Scherer é poeta, Florianópolis/SC)

entre
pernas
dança
e desce

a língua
sua
molha
e bebe

para então subir
bem calma
levando à outra
língua
um sabor de
seu
avesso.



"Somos todos pessoas",
mas meu nome não é esse
que você falou.

Tua piada
não me fez rir,
e esse fiu-fiu que é leve nos teus lábios
chega feito medo
no meu baixo-ventre.
"Somos todos pessoas",
mas eu que sigo apagada,
diante da tua presença:
voz sempre ouvida,
palavra lembrada.

Tua ciência
demarca fronteiras
a corpos e mundos que eu não habito -
tua fé segue clamando
por uma pureza e salvação do espírito
onde sou maldita.

"Somos todos pessoas",
só que eu não sou parte desse
todo
uma vez que minhas cicatrizes
invisíveis à luz conveniente dos teus olhos
marcaram-me
toda.

(Raíssa Éris Grimm é poeta, Florianópolis/SC)

NA MONTANHA DA CASA

escalar casa exige

uma comunhão

de janelas pela manhã

impressiona os pássaros

acordarem tão cedo

a orquestra de interfones

e a ultragaz se oferecendo

logo cedo parece até brincadeira

o sedex já me soa

a turma do amarelo e

logo desconfio

o som do bule me lembra

um poema bonito uma pena

não lembrar dele todo

pego meu cesto de roupa

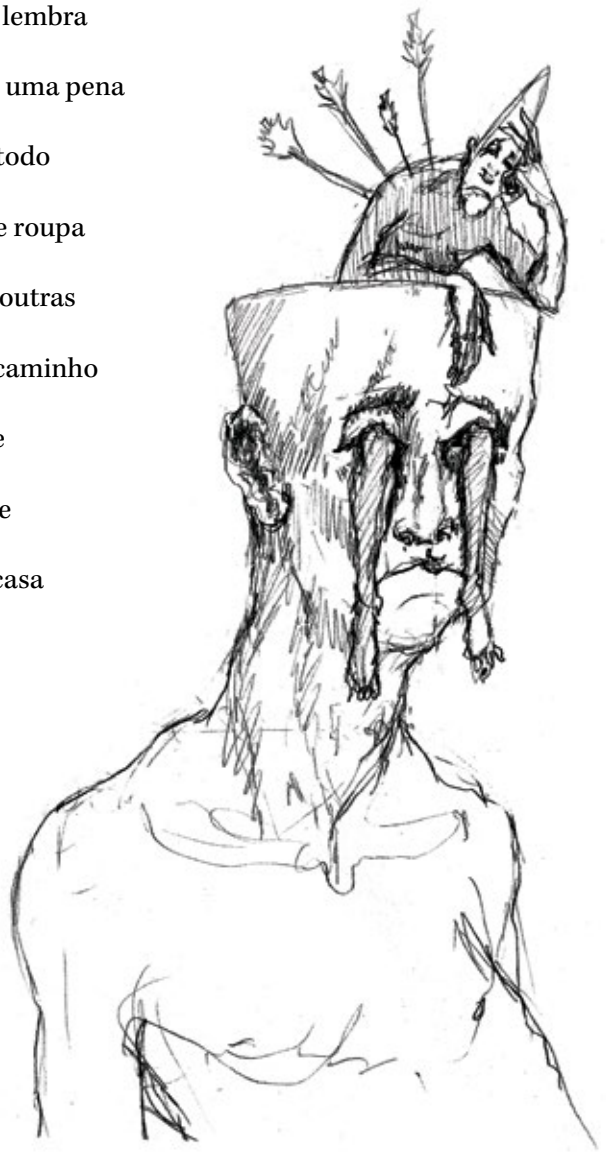
suja saio catando outras

que ficaram pelo caminho

persigo essa seta e

o alvo do dia nasce

na lavanderia da casa





3.
fiascos de chuva
umedecendo um
cais que vaga pela
manhã repleta de
garças
a linha do tiro fica
perto da minha praia
forte imponente
faz da linha uma
semente de sangue
ler um poema
do alto da ladeira
da minha rua
atravessar essa
rua e de uma ponta
a outra o sol e a lua
dividindo o dia
o poema bate de frente
com a realidade e encontra espelho
o punho afiado, afiando um
corpo presente que sente
fio condutor de uma sensibilidade
aguda infinitas são as coisas do dia-dia
(pia que parece instalação da última bienal de artes do fim do mundo)
gardenal não aparece nas
letras sugeridas do teclado
do celular, o beijo de asas
fica pra próxima parada deste
carro que acelera diante de nós
eu sou um poema que esqueci
e a todo tempo tempo tento
entre raízes desabrochando
chão a fora chão a dentro
sumo do bagaço de todas
as memórias desterradas
eu sumo de mim, de meu povo

(Bárbara Uila é poeta,
Cachoeira de São Félix/BA)

CROSSWORDS

Solucionava palavras cruzadas. Não uma ou duas. Muitas. De revistas, jornais, livros de passatempo. Todas as que pudesse conseguir, uma atrás da outra, compulsivamente.

[4 letras - vertical] [pintor catalão]

m	i	r	ó

Ia decifrando os enigmas, enquanto colocava em ordem a bagunça que deixaram em sua cabeça. Os dias passavam devagar. Mas, porra, quem se importava com isso? Não lembrava há quanto tempo estava lá. Vaga sensação de ser mais de uma semana.

[6 letras – vertical] [técnica utilizada em tempos de guerra]

t	á	t	i	c	a

Procura na confusão de ideias por palavras que lhe deem referências de mundo. Mãe: não sabe quando foi a última vez que a viu. Pai: desconhecido. Família: uma piada. Afeto: ignora completamente o conceito. Não, definitivamente, não eram essas as suas palavras.

[11 letras - horizontal] [sinônimo de assustar]

a	t	e	r	r	o	r	i	z	a	r

Vasculha um pouco mais. Deve haver algo, alguém, alguma coisa. Sabe que usava drogas. Bastante e quase sempre. Não havia outro jeito, não aguentaria a merda toda se não estivesse com a mente em total estado de torpor. Lembra-se da casa suja com janelas pequenas e muito altas. Sim, sim! A memória era recente. Sabe que tem quinze anos. Sabe por que saiu de lá no dia do seu aniversário. O seu dia!

[4 letras - horizontal] [peça de tubulação]

c	a	n	o

O cara entrou no quartinho. Lembra-se disso também. Consegue ver como se estivesse acontecendo bem na sua frente. Trazia uma vela acesa e cantava uma daquelas musiquinhas bestas de parabéns. Além da vela, trazia a maleta com coisas soltas no interior produzindo um som metálico a cada passo. Clang! Clang! Clang!

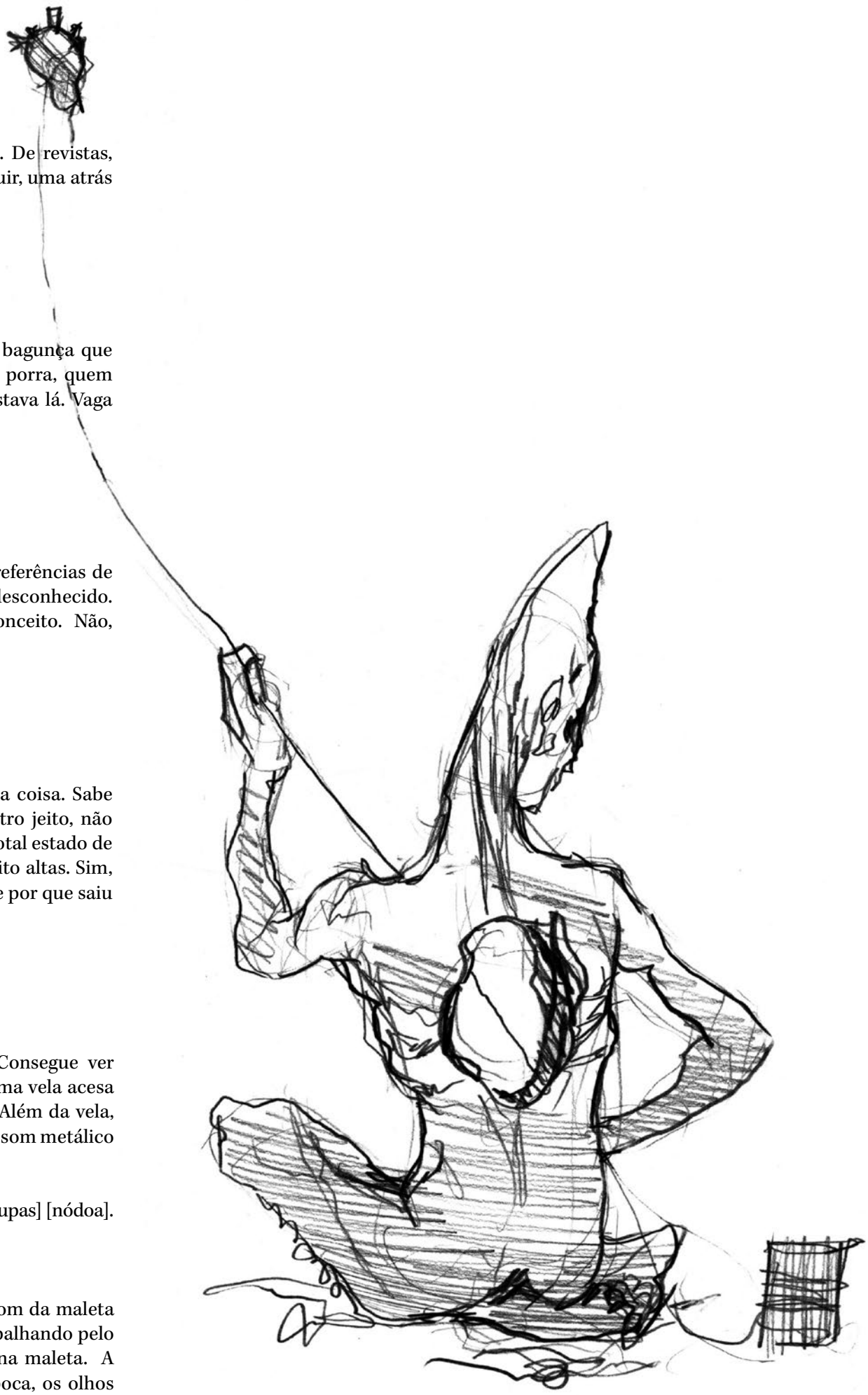
[5 letras - vertical] [mancha difícil de remover em tecidos ou roupas] [nódoa].

n	ó	d	o	a

A cena seguinte é a vela caindo, apagando aos poucos. O som da maleta atingindo o chão e abrindo com o choque. Os objetos se espalhando pelo piso. O cano arrancado da parede. O sangue. As algemas na maleta. A tesoura. O cara deitado de costas, a genitália enfiada na boca, os olhos arregalados. Meus dentes sorrindo, todos eles. As luzes vermelhas, o sangue vermelho, os homens de branco, os sedativos. A cela acolchoada, os remédios, o vazio.

[5 letras - horizontal] [ato passível de punição legal, delito] [crime].

c	r	i	m	e



(Denise Ravizzoni é escritora, Jaraguá do Sul/SC)

Prosa inédita de Julianna Rosa de Souza

Ovos que saltam das mãos, pessoas que querem voar

Eu tinha preparado tudo, deixado do jeito que eu gosto, na posição que gosto, na temperatura que gosto, tudo do jeito que gosto. Mas era muito do meu jeito, era tudo do meu jeito. Tenho esse hábito de ser impulsiva, de viver intensamente, e isso não agrada muito. Quem quer sofrer? Quem quer se perder? Quem quer viver? Mas não era sobre isso que eu queria falar, tudo aqui é um pretexto. O fato é que acordei decidida: "hoje vou tomar um café com pão e ovo". Completamente decidida, coisa rara. Porque às vezes demoro a acordar, demoro a sair da cama, demoro a fazer o café e como o que tem — o que está ali. Acontece que não queria a rotina. Simples assim, queria um pão-com-ovo bem gostoso e fácil de fazer (isso me agrada). Nada de complicado, nada fora do comum. Mas a vida precisa te cutucar em algum momento. A vida precisa te acordar em alguns instantes. Às vezes, não quero acordar. Às vezes, gosto mais do sonho, de viver o sonho e, quando acordo, acho chato, acho sem graça, tudo sem cor. Na vida não dá para voar, e nos meus sonhos geralmente saio correndo por uma estrada, pego impulso e num salto voo, voo tão alto. É tão bom. Dá um friozinho na barriga. Mas na vida real não dá para voar assim, desse jeito, livre, pegar impulso com as próprias pernas. Bom, mas eu estava em casa, decidida, pronta para um café. Faltava açúcar, faltava o pão. Ok?!!! Vamos à padaria. Não tem problema algum. Troco de roupa. Desço as escadas do prédio, desço sorrindo, confiante, porque sei que vou comprar um pão e depois chegar em casa e comer meu delicioso pão-com-ovo. Olha isso, pequenas coisas, coisas simples. Olha, como somos seres estranhos, gotinhas de felicidades. Uns nem gostam de pão, outros tampouco de ovos, mas existem no mundo aqueles que amam pão e ovo, e para esses, meus queridos, a felicidade é em dobro. Então, vou e volto sorrindo. Quando chego em casa bate aquela sensação gostosa: "nossa, falta pouco, só fritar e sentar para comer meu pãozinho". Começo a cantarolar, bem estúpida, bem feliz, bem contente. A janela está aberta, vejo os vizinhos, ouço comentários, solto uma gargalhada por ter ouvido algo sem sentido. Abro meu pão. Preparo meu café, coloco o leite o açúcar na xícara. Vou até a frigideira. "Nossa. Está melhor do que eu poderia pensar, do jeito que eu gosto, com a gema bem mole e a casca dourada por fora." Água na boca. (aí, leitor, para você que já está acostumado com pequenos dramas da vida diária, o que vou contar agora não terá a menor graça, mas pelo menos finja, ou desista ou insista, a escolha é sua, estou lhe dando mais um tempo para pensar se você deve ou não seguir comigo nestas linhas bem banais, pelo menos eu aviso — o que escrevo aqui é algo sem importância). Pego a frigideira e com aquele sorriso leve no rosto levo o ovo até o pão, mas num instante, em segundos, o ovo cai. Sim, cai no chão. Ele poderia ter caído no prato, na mesa, ou em algum lugar que eu pudesse salvar uma parte, um pedaço, o que fosse. Mas não. Ele caiu no chão. Completamente NO CHÃO. Soltei um grito e uma gargalhada ao mesmo tempo. E pensei, metáforas da vida. Sim, metáforas (instantes em que tudo faz sentido. Não faria para qualquer outro ser, mas fez para mim). Então, já em tom de metáfora, pensei: Eu posso parar tudo e chorar porque ele caiu no chão e decidir num ato de raiva: "não quero comer mais ovos", e nunca mais comer ovos. Mas eu posso rir de tudo isso, afinal, tem uma caixa de ovos bem aqui na minha frente e posso tentar mais umas seis vezes (as chances reais de comer um pão-com-ovo são grandes). E mesmo que acabem os ovos desta caixa, ainda assim poderei ir até à padaria e comprar outra caixa e se não tiver na padaria, posso tentar ir ao supermercado, e se o supermercado estiver fechado, posso ir até à lanchonete e pedir um pão-com-ovo e se de repente nada disso funcionar, tudo bem, hoje eu não comerei ovos, mas amanhã, talvez. Tudo bem. Tudo certo. Deixei o ovo no chão. E lá está ele até agora. Fritei outro ovo, sentei, comi meu pão tão desejado. Comi. Não sei se seria mais ou menos gostoso. Não importa. Estava decidida, lembra?!!! O fato é que ainda estou aqui olhando para ele. Escrevi sobre ele, e você está aqui lendo tudo isso sobre ele. Sei lá, de repente, comi o outro pensando nele. Isso não é problema. Mas... Não sei, acho que a vida tem dessas banalidades.



(Julianna Rosa de Souza é atriz, professora e pesquisadora de teatro, Florianópolis/SC)

Felizes para sempre



Tinha cinco anos de idade, dois dentes molares, cachinhos na nuca, uma melhor amiga com nome de desenho animado, e o que mais poderia querer? Um marido. Pra surpresa da contemporaneidade, a menina de repente eclodia sua existência, como fosse epifania; uma constatação do tempo que, agora ela acreditava, era efêmero a ponto de levá-la pelas mãos até o status da avó num literal passe de mágica macabro, provavelmente protagonizado por um zumbi meio vampiro meio fantasma meio palhaço até meio monstro mesmo. Ninguém notou, mas desde que começou a distraidamente acompanhar a novela na TV da sala, a menina deu de ter preocupações novas, e agora essa. Exibia sua falta de destreza em forma de desespero. Quero um marido. Eu quero um marido, mãe, por favor. Um marido. A mãe chegou a filmar, quando ainda havia o descuido do riso raso. Mas para que você quer um marido, filha? Quero. A menina transbordava por quês. Cansada e urgente, queria, queria. De início, porém, era facilmente contornada com alguma oferta de entretenimento ou gastronomia que prescindisse um marido. Mas com o tempo — e isso pode ter levado semanas ou meses —, os ambiciosos rompantes se tornariam mais frequentes a ponto de preocupar, eu arriscaria até incomodar, as pessoas que inicialmente haviam curtido os vídeos. Numa das ocasiões houve presença confirmada da melhor amiga. Dorinha, desconhecida de reações diante da choradeira da menina, não viu muito por onde senão aderir à manifestação potencializando o desespero como fosse o desespero um espírito mal-intencionado que recebesse atenção de curiosos adolescentes e lhes batesse as portas, acendesse e apagasse as luzes, rastejasse sobre suas cabeças e, por fim, se apossasse de seus corpos. A mãe então possuída pelo desespero obsessor, noite dessas desabou no colo do marido todas as dúvidas, e este, talvez para evitar o mesmo assombro ou talvez, justamente por já não poder ignorá-lo, sugeriu que se lhe arranjassem um casamento. A mulher só faltou estapeá-lo. Puxou de suas mãos o autoajuda empreendedor e arrancou-lhe num gesto único — e até para ela surpreendente — o miolo inteiro. O marido ponderou e ponderou enquanto buscava, sem qualquer material adicional, recompor o livro, apenas com o movimento de encaixar o miolo de volta à capa e fechá-lo e tornar a abri-lo para constatar, de novo e de novo, que permanecia avariado. Isso deve ter durado segundos, mas o suficiente para que a esposa compreendesse do marido as limitações; que se não alcançava ideia de reparar o livro, como poderia tocar o absurdo de se querer um marido, e ainda aos cinco anos. Pra resumir a ladainha que se seguiu, uma das amigas da mulher solidariamente lhe cedeu o filho. A menina, pensaram que não teria reação, teve tanta aparente alegria que tornou a urgência mais urgente. Todos os dias afundava a cabeça no travesseiro do desespero enquanto não se decidiam sobre local e data. E já que era assim, pensaram adultos, vamos descontrair, entrar na brincadeira, fazer tudo conforme manda — pasmemos, até os dias de hoje — o figurino. Escolheram a roupa do noivo, e provaram tantos vestidos quantos jamais se imaginou a uma menina aos cinco anos. Também tomaram sorvetes. Também visitaram museu. Também assistiram ao *A Casa Monstro* pela vigésima vez. Nada a distraía de seu recém-descoberto propósito de vida. Houve quem sussurrasse à avó que talvez fosse algum tipo de nova Virgem Maria. Talvez, e sejamos cautelosas, trate-se de um Chamado. E a urgência então se propagou, contraindo de um corpo ao outro, até que todas as pessoas próximas e distantes tivessem uma opinião sobre o assunto. Pois casaram-se. Havia até daminha de honra, uma prima de dois anos e meio que mais tarde seria flagrada atentando a recém-contraída promessa de fidelidade do marido. Num combinado entre as partes responsáveis, o mais novo casal seria imediatamente posto em convívio matrimonial até o domingo. Já no café da manhã após as núpcias que, seguidas à risca, se basearam no sono ferrado pós-festança, pois já nesse primeiro momento parece que o propósito, uma vez cumprido, iniciou sua dissolvição. O marido, não haviam anotado, só gostava de cereal com leite e rejeitou, num gesto que a esposa considerou desproporcional e grosseiro, o iogurte que ela havia gentilmente lhe servido. Depois, foi sem querer, mas também serviu para acumular, o marido foi brincar de homem-aranha e saltou pra cima da esposa estragando toda a brincadeira com massinha que ela havia tentado a duras penas promover. Por fim, na tarde daquele mesmo dia, a gota d'água: enquanto o marido estivesse em casa, Dorinha não podia vir pra brincar. Mas por quê?!!! Porque ela agora tinha um marido, oras. O marido era sua Criação, e para continuar existindo era preciso alimentar a Criação todos os dias até que se perceba que todos já dela se convenceram e poder descansar nela como realidade. Mas, que horror, a menina desconhecia as outras faces do desespero. Que, na ausência de Dorinha, apareciam e desapareciam ao menor precipitar de lágrimas no parapeito dos olhos. Querida Dorinha, queria. Tudo era pior do que era antes. Nada mais mundo tão suportável sem a presença de Dorinha. Camila então? Sofia, que seja! Mas não. Ela agora tinha um marido e não poderia receber visitas enquanto ele estivesse em casa. Ande, vá entretê-lo, está a rolar pelo chão entediado, não demora começará a quebrar coisas, vá cuidá-lo. E foi então que, bem antes do planejado pelas partes responsáveis, a menina rebelou-se, sem constrangimentos, contra a decisão equivocada, e bateu os pés que o queria fora de casa, e bateu a porta do banheiro onde, sabia, não podia permanecer trancada. Casamento desfeito, mas não sem antes pedido de desculpas pelo inominável das decisões inconsequentes, e abraço de contar até três pra ter certeza de que sarou. Passou? Passou. Então pode voltar a brincar. Feliz para sempre com Dorinha. Riu-se a mãe rasgando na boca um trecho de fita adesiva.

(Priscila Lopes é escritora, Florianópolis/SC)

BATHEIA

A Antonio Moura

Até que se soprem sobre todos os ouvidos do mundo o silêncio.

A menina levanta da cama e Abuda está lá. Abuda é bicho estranho. Pesca a pesca dos primeiros homens do amanhecer. Abuda pesca a ressaca desses homens e com eles uma longa fileira de corpos que traz para a menina curtir. A menina descasca-os a pele, lambe-os as escamas e escaras, abre suas barrigas e órgãos, chupa-lhes o mercúrio e tira de lá os seus humores mais viscosos.

— A menina tá tão rodada que já nem liga.

— Por isso é que a chamam de Batheia.

Abuda ri. Mas a menina não ri. A menina goza o gozo que lhe escorre por entre as pernas. — Sai da minha frente, porra, também quero pegar essa puta de jeito — diz aos outros o comerciante das muitas bonecas do rio, um dos homens que, após ter pagado seu grama em ouro, abre caminho à faca, em meio aos facões de todos os outros daquela roda. A menina revira os olhos. Não reconhece o comerciante. Filha de Gé, a menina escapa da órbita diária dos machos que a cercam, filha de Gé relembra suas origens titânides, relembra seu pai e irmão a devorar-lhes as entranhas, a encarcerar ela e todas as outras crias daquela família sob o leito do rio.

O Menino encontra a sua pedra e aproxima.

A menina percebe.

O Menino passa pela frente da menina. Acaricia-lhe o colo enquanto outro ainda a penetra. Aguarda. Pela primeira vez a menina vê o negociar de seus fluídos. A menina vê que o Menino entrega a Abuda a maior pedra que ela já enfrentara em toda a sua vida. A menina regozija. Prenuncia certos ares de liberdade por conta dessa negociação. "Então, ouça bem, minha filhinha feita de luar, mamãe estará aqui, sempre e sempre pra te amar". A menina rememora, relembra sua mãe Gé a lhe cantar a liberdade de seu ventre; a lhe tecer e explicar a ela o propósito do pequeno fio de algodão e prata que a entrega no ato de sua saída. — A senhora já usou isso com alguém, mamãe? — a menina pergunta, mas Gé apenas sorri.

Antes de chegar ao seu destino, Abuda e a menina passeiam por uma pequena cidade onde ancoram vários regatões. Em dois ou três deles, Abuda prepara à menina um pequeno enxoval: — dois shorts, dois corpetes, uma sandália de dedo, uma de salto e também uma camisola branca — Deixa estar que eu mesmo vou levar a menina ao provador — negocia com Abuda um dos comerciantes desse regatão.

A camisola branca é a primeira noite em que a menina dorme com Abuda. — Minha noivinha é linda. Saiu cara, mas é linda — Abuda diz enquanto sua sobre ela. Mas a menina não mais acredita. Ao contrário, sente imensa vergonha de seus seios ainda muito pequenos. Sente imensa vergonha do que teve de fazer em silêncio com o comerciante das muitas bonecas do rio.

— Agora coloca a vagabunda de quatro — alguém da roda determina.

A menina olha o Menino. Percebe nele o faiscar de quem conseguiu a sua primeira grande conquista. A menina olha o menino e sorri. Fio de algodão e prata muito bem guardado junto a ela. A menina quer a centelha daquele Menino, quer essa centelha em meio ao tédio de todas as estocadas que recebe. O Menino se aproxima. A menina se encanta. O Menino se aproxima e está trêmulo. Abuda e um dos outros homens agarram forte os quartos da menina. Abuda também não reconhece o comerciante do rio. A menina não debate. — Aguenta firme, noivinha, quando acabar vamos até à cidade dos muitos regatões e te compro o presente que eu sei que tanto tu queres. O Menino passa-lhe a pica. Theia, planeta gemelar que pela força de Coriolis aproxima-se da Terra. A menina sente o calor do Menino a subir-lhe as entranhas e a corar-lhe o rosto. O Menino estoca-a mais e mais até quase arrebentá-la o útero. A menina alucina pelo Menino. Prenuncia com ele a arrancada da lua. Theia próxima demais da órbita da Terra. Próxima demais de Gé. A menina pressente um aproximar de galas e facas. A menina emociona. Sonha em pedir ao Menino a boneca que vira nas mãos do comerciante naqueles dias de abandono, a boneca que sabe que Abuda jamais lhe dará. De repente, um grito de bicho estripado. A última estocada acontece junto com o aço da faca que secciona a jugular da menina. Uma explosão de sangue, glandes, contorções, ossos e planetas. Ao gozo de satisfação infinita que as contrações involuntárias da menina propiciam ao Menino segue-se a verdade. A cabeça da menina pende para o lado e contempla a lua cheia recém-criada sobre o céu tecido de infinito. A menina já não se importa. A menina sabe que logo o fio tramado por Gé a fará retornar para a sua casa além do rio. E sabe também que logo surgirá dessas águas outra menina de ressaca, também essa feita de fio de luar, também essa a curtir os homens que Abuda caçará para ela em todos os outros amanheceres. E essa nova menina, essa nova Selene, que muito se divertirá ao ser ofertada ao mundo em todos os seus raios e faces visíveis, também não ganhará a boneca com a qual o comerciante do regatão a seduzira um dia.

O Menino estirado no chão arfa o sangue de todos aqueles que de surpresa foram aprisionados por essa tarrafa tramada de órbitas, galas e peixes. — A vagabunda lá no regatão também decepou meu pau com essa coisa de prata e algodão que traz enrolada na boceta — revela a todos o comerciante das muitas bonecas do rio após arrancar de dentro da menina o presente que Gé lhe ofertara um dia.

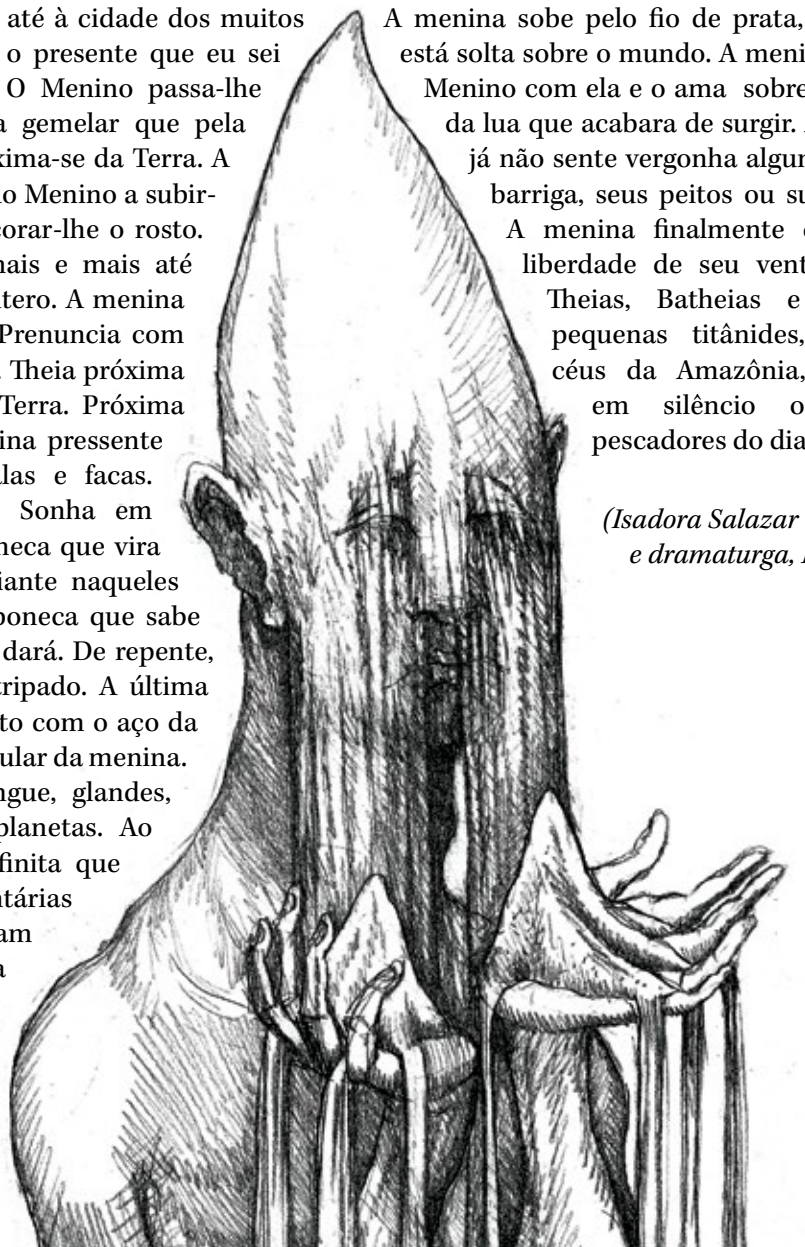
Ninguém socorre o Menino.

Ninguém aprisiona o comerciante.

Ninguém liberta Abuda das pedras que ganhara na bateia da menina.

A menina sobe pelo fio de prata, mas não está solta sobre o mundo. A menina leva o Menino com ela e o ama sobre o reflexo da lua que acabara de surgir. A menina já não sente vergonha alguma de sua barriga, seus peitos ou sua bunda. A menina finalmente celebra a liberdade de seu ventre. Gés, Theias, Batheias e Selenes, pequenas titânides, sob os céus da Amazônia, a gerar em silêncio os novos pescadores do dia.

(Isadora Salazar é escritora e dramaturga, Belém/PA)



No caminho de casa

Às onze e meia Juliano tranca a porta. Meia hora antes do habitual. Esperou os últimos clientes pedirem a conta, depois que foram avisados de que a cozinha estava fechando. Os quatro, provavelmente dois casais, conversa alta entrecortada por risadas, beberam o derradeiro chope antes de ir embora atrás de outro bar ainda aberto. Cansado, Juliano só pensa em terminar o serviço e ir para casa. Vai para trás do caixa e, como em todo fim de mês, abre o balancete no sistema do computador para a verificação do contador. Resta calcular as entradas do dia, os pagamentos em dinheiro e cartão, débito e crédito, conferir os produtos faltantes para pedir aos fornecedores, enquanto garçons, *barmen* e pessoal da cozinha deixam tudo organizado para o dia seguinte. Em pouco mais de uma hora estará em casa.

Mesmo com o excessivo cansaço por conta da noite, Juliano valoriza o trabalho. Ainda não é o ideal, mas, paciente, sabe que é parte do processo até chegar à situação profissional que almeja. Em pouco tempo, passou de garçom a gerente. Tudo é questão de aproveitar as oportunidades e estar sempre pronto para quando elas surgirem. Juliano é dedicado, focado em tudo o que faz, aprende rápido. Começou sem muitas perspectivas no emprego, mais para complementar a ajuda que recebe dos pais desde que entrou no curso de administração de empresas. Não lhe agrada a despesa que dá aos pais, embora saiba que eles apoiam com orgulho a investida do filho na capital, um ato ousado para quem, como eles, nunca saiu da cidade natal. Ganhou a confiança do chefe quando o gerente faltou sem aviso e ele assumiu suas funções. Foi questão de algumas semanas para ocupar definitivamente o posto.

Trabalho terminado, Juliano dá a última volta da última chave na porta do bar. Despede-se dos colegas e desce a rua a pé em direção ao seu prédio, a quase um quilômetro dali. A esta hora, no meio da semana, a rua está deserta, com exceção de um ou outro bar aberto com poucas pessoas dentro, algum morador notívago passeando com o cachorro, garis recolhendo o lixo. À porta de um carro, um casal evidentemente bêbado discute. Cena comum para quem circula à noite. Juliano quase não bebe. Talvez por presenciar a embriaguez de tantas pessoas. Quem trabalha em um ambiente como o que ele trabalha, precisa ter a consciência sempre clara, estar atento à razão e saber lidar pacientemente com os clientes alterados. É como se o ar estivesse tomado por gás inflamável e a mínima faísca pudesse causar uma explosão. Mas Juliano se acostumou com o ambiente, encara as tensões como idiossincrasias do trabalho. Assim como se acostumou com o horário. Não precisa de muitas horas de sono para acordar com disposição de manhã para ir à aula. Diferentemente de Natália, que dorme tarde e acorda tarde, Juliano dorme tarde e acorda cedo.



Natália é a namorada com quem divide o apartamento. À primeira vista, qualquer um diria que não teria como os dois darem certo juntos. Natália é o oposto de Juliano. É o contrário da organização e metodização do parceiro. Mas, por algum motivo, os dois vêm dando certo. Conheceram-se em uma festa na casa de um amigo. A moça se interessou pelo rapaz tímido e puxou conversa. No começo foi difícil desenvolver um assunto, mas depois de algumas tentativas o papo engrenou. Começaram o namoro semanas depois da festa e, ambos insatisfeitos com os lugares em que moravam, foram viver juntos. Talvez este seja o motivo de darem certo, a necessidade de dividir as contas. Talvez esse seja o motivo de muitos casais darem certo. Embora a estrita necessidade não seja bem o caso de Natália. Filha de classe média alta, não tem um emprego fixo e é bancada integralmente pelos pais. Não tem pressa em definir carreira e não cede a pressões para que o faça. Estudou psicologia, não era bem o que esperava. Tentou jornalismo, decepcionou-se com a fria tecnicidade do curso. Quer mesmo ser atriz e prestará vestibular para artes cênicas no fim do ano, para o tácito desespero dos pais. Por enquanto, trabalha esporadicamente na produção de eventos, um treinamento para quando tiver que ralar para produzir seus próprios espetáculos.

Juliano respeita as escolhas de Natália, aprendeu a conviver com as diferenças as quais, acredita, os unem. Caminha para casa ansiando pelo banho quente e pelo colo perfumado da namorada. As carícias tão íntimas, que só o tempo de convivência permite conhecer. Pensa com carinho na companheira, quando uma imagem o congela. A uma quadra de casa, do outro lado da rua, entre dois arbustos na calçada, dentro de um bar, Natália sentada a uma mesa com alguém. Um homem. Juliano a viu num movimento rápido, quando ela projetou o corpo para frente ao se ajeitar na cadeira, no exato instante em que ele por acaso olhou para a janela do bar do outro lado. Num gesto automático, desce a calçada para atravessar a rua, mas se detém e volta para onde estava. Não saberia o que dizer nessa situação. Decide observar mais um pouco para ter certeza de que é ela. Ela voltou para o encosto da cadeira, justo atrás da folha fechada da janela. Tudo o que ele vê são gestos esparsos com as mãos, os gestos e as mãos de Natália. O homem ele consegue ver bem. Não o conhece. Mais velho do que ele, uma calvície incipiente. Sorri enquanto conversa. Ela pega o celular da mesa como que para olhar a hora. A mesma cor, o mesmo modelo. Claro, ele saiu mais cedo do trabalho hoje, lembra. Ela confere se já está na hora de ir embora. Ajeita-se novamente na cadeira, os cabelos compridos aparecem na janela. É Natália, agora tem certeza. Uma onda de calafrio amortece seu corpo. Sente as pernas estremecerem. Jamais imaginaria algo assim. O coração bombeia forte o sangue, como que para lembrá-lo de reagir. De repente a odeia como nunca pensou ser capaz. O homem ergue-se na mesa e aproxima-se dela, a cabeça escondida atrás da folha da janela. Fica parado assim por um momento, as mãos de Natália se entrelaçam em suas costas. Um beijo. Nova onda de calafrio, tão forte que quase o derruba. Novamente, Juliano faz menção de ir até lá, interrompê-los com um grito raivoso, desfazer a cena em pancadaria, mas a razão o recoloca no chão. Melhor esperá-la em casa. Surpreendê-la ao entrar. Perguntar onde estava. Confrontá-la com a cena que acaba de ver, sem deixar chances para defesa. Não há o que explicar.

Faz e refaz o diálogo na cabeça ao caminhar apressado para casa. Imagina o cinismo no rosto dela. Sem dúvida, uma atriz. Pensa em ser cruel ao limite, castigá-la emocionalmente com retidão indobrável. Não se deixará enganar pelo choro, pelo arrependimento, pelos pedidos de desculpa descarados. Em outra narrativa interna, a vê enfim se revelando. Rindo com escárnio de sua ingenuidade. O rapaz do interior que não sabe nada da vida, que terá uma existência medíocre como administrador de empresas, que merece mesmo uma mulher submissa e burra para compartilhar de sua mediocridade. Mas não ela. Ela está saindo agora mesmo daquela casa. Imagina-a colocando todas as roupas em uma mala, voltando com o homem do bar num outro dia para buscar o restante das coisas. A chave deixada debaixo da porta como o último gesto de ligação entre os dois. Pensa então em ponderar, quem sabe conversando calmamente as coisas se resolvam. Mas se lembra do beijo, as mãos entrelaçadas nas costas do homem, e a raiva volta a dominá-lo.

Entra no prédio e, sem paciência para esperar o elevador, sobe os cinco lances de escada correndo. Para em frente à porta e vasculha a mochila. Retira as chaves que tilintam nas mãos trêmulas. Com dificuldade a chave entra na fechadura. Uma volta e a porta abre. Fazendo sombra em frente à luminária da sala, um livro em uma mão, uma xícara na outra, de dentro do sorriso mais terno que já viu, a voz lhe diz:

— Tem chá. Quer?

(Neno Moura é escritor e músico, Florianópolis/SC)